



ANA MARIA CAMPOS
anacampos.df@dabr.com.br

Veja como a bancada do DF votou na suspensão de ação contra Ramagem

Bruno Spada / Câmara dos Deputados

Na bancada de deputados federais do DF, seis votaram a favor da sustação da ação penal em tramitação no Supremo Tribunal Federal (STF) relacionada à tentativa de golpe de Estado, na qual está incluído o deputado Delegado Ramagem (PL-RJ). A resolução, aprovada no plenário por 315 votos a 143 e quatro abstenções, teve o sim da deputada Bia Kicis (PL-DF) e dos deputados Alberto Fraga (PL-DF), Gilvan Máximo (Republicanos-DF), Fred Linhares (Republicanos-DF), Júlio César Ribeiro (Republicanos-DF) e Rafael Prudente (MDB-DF). Érika Kokay (PT-DF) e Professor Reginaldo Veras (PV-DF) foram contra. A expectativa é de que, caso o STF permita a suspensão do processo, o benefício seja estendido no futuro aos demais réus da ação por conspiração para derrubar o presidente Lula. É o caso, por exemplo, do ex-presidente Jair Bolsonaro.



R\$ 1,4 bilhão de IPTU

O Governo do Distrito Federal (GDF) espera arrecadar R\$ 1,4 bilhão com a arrecadação do Imposto sobre a Propriedade Predial e Territorial Urbana (IPTU), que o contribuinte começa a pagar nesta segunda-feira. São 937.913 imóveis, sendo Plano Piloto, Águas Claras, Taguatinga, Ceilândia e Samambaia as regiões administrativas com maior número de pagadores.

Homenagem

A jornalista Ana Maria Campos, titular da coluna *Eixo Capital*, e editora do caderno *Direito&Justiça* do *Correio Braziliense*, foi homenageada nesta sexta-feira com o diploma de menção honrosa do Tribunal de Contas do DF, como parte da celebração do dia do jornalista, celebrado em 7 de abril. Esta jornalista foi recebida pelo presidente do TCDF, Manoel de Andrade, e pela jornalista Polyana Resende Brant, chefe da comunicação do tribunal.



@fabioportofotografia



À QUEIMA-ROUPA

ANTONIO SABINO, INTEGRANTE DA CORRENTE MOVIMENTO POPULAR DO PT, VICE-PRESIDENTE DO PT/DF EM DUAS GESTÕES CONSECUTIVAS, É O SECRETÁRIO DE ASSUNTOS INSTITUCIONAIS DA DIREÇÃO EXECUTIVA NO DF

“Neste momento, o que mais a militância quer é uma direção que tenha claro e definido que fará esforços para garantir que teremos candidatura própria ao Governo do DF”

Como avalia os apoios que o advogado Guilherme Sigmaringa recebeu nos últimos dias. A eleição para a presidência do PT-DF está definida?

O assim chamado “campo majoritário”, por seis anos vem dirigindo o PT e os seus principais dirigentes entraram em rota de colisão, chegando ao desentendimento completo, inclusive a vetos explícitos de seus próprios nomes a candidatos. É desse conflito intronspôvel que eles buscaram um nome que pudessem pacificá-los. Embora já tenham formalizado a candidatura do companheiro Guilherme, ainda não conseguiram fechar as feridas das disputas internas. Trabalho hercúleo terá meu amigo Guilherme, para pacificar as vaidades e os personalismos ali existentes. Isso em se tratando apenas das relações internas do campo majoritário. Foi uma manobra brusca, que deixou a militância do PT em choque, pois a vida política do amigo Guilherme, advogado competente e habilidoso, estava restrita ao mundo profissional e na solidariedade às ações e atividades institucionais que vez ou outra o PT do DF precisava realizar. Tenho a impressão que para o próprio Guilherme, ainda não caiu a ficha e aos poucos está se acostumando com a ideia. Destaco que tenho muito apreço e amizade por ele, jovem capaz e com futuro político promissor.

Quais são as candidaturas com chance de vitória?

Para entender essa resposta é preciso falar de nossa militância. Ela é totalmente diferenciada de qualquer outro partido, tem vida orgânica e pulsa nas veias a ideia do pertencimento e da construção partidária. Todos os candidatos têm chance de vitória, embora o Guilherme tenha reunido o maior número de lideranças e autoridades públicas do PT, para a militância isso não tem relação direta com a vontade independente e sempre rebelde de todos os que no dia a dia constroem o PT. É uma militância exigente e busca enquadrar o dirigente aos desafios que estão a ser enfrentados. No caso, o processo eleitoral de 2026, estava sendo desenhado na perspectiva de ter o deputado Chico Vigilante, inclusive com o

Arquivo pessoal



apoio do nosso Coletivo Político, como um candidato que reuniria o mais amplo apoio, entendendo que o perfil do combativo deputado era o mais apropriado para enfrentar Ibaneis.

O que está em jogo nesta disputa pela presidência?

O PT precisa voltar a governar o Distrito Federal PT, para isso é necessário um presidente e uma direção que defendam candidatura própria ao governo. Uma direção que seja capaz de dialogar com os demais partidos de esquerda e com todos os setores democráticos que queiram derrotar Ibaneis e Celina Leão. O campo majoritário do PT está formulando posições que se aproximam na defesa dessa tese, mas não falam abertamente que o PT deverá ter um candidato próprio ao governo e que apresentará um nome para o conjunto dos partidos discutir e enfim fecharem uma posição conjunta.

Qual é a maior divergência entre as candidaturas?

A agenda programática do PT está fragilizada porque a direção majoritária do partido não defende claramente uma candidatura própria ao governo do Distrito Federal, além de uma concepção clara de alianças para viabilizar a vitória de Lula e do nosso candidato ao Buriti, caso tenhamos candidatura própria. Não é uma direção partidária horizontalizada, com participação plural e comando descentralizado. O campo majoritário age de forma verticalizada, baseada nas articulações políticas de seus parlamentares e principais dirigentes. A militância não tem o reconhecimento pelo protagonismo da luta e das vitórias alcançadas, não vê seus esforços vitoriosos nas disputas serem garantidos na composição dos resultados obtidos.

Acredita que o novo comando do partido terá a prerrogativa de definir os rumos das candidaturas em 2026?

Sim, com certeza. Por isso nossa candidatura está colocada e vem sendo debatida na base partidária, cada dia com mais vigor. Nossa militância sabe o quanto é prejudicial para os rumos do PT uma direção que age de forma independente da vontade de seus interesses, e neste momento o que mais a militância quer é uma direção que tenha claro e definido que fará esforços para garantir que teremos candidatura própria ao governo do DF.

Acompanhe a cobertura da política local com @anacampos_cb

Novos rumos

» Entrevista | **PADRE SANTIAGO PEREZ** | PÁROCO DA PARÓQUIA NOSSA SENHORA DA ASSUNÇÃO



Escaneie e assista ao **CB.Poder** na íntegra

No *CB.Poder*, o religioso destacou a humildade de Leão XIV e o trabalho pastoral desenvolvido pelo novo pontífice americano

Uma abertura global para as igrejas

» MILA FERREIRA

O padre Santiago Perez, da paróquia Nossa Senhora da Assunção, foi o convidado do *CB.Poder* de ontem. No programa — parceria do *Correio Braziliense* e da *TV Brasília* —, ele falou sobre o perfil de Robert Prevost, o papa Leão XIV, eleito na última quinta-feira, lembrou que a trajetória

do novo pontífice se assemelha à do papa Francisco e destacou que ele deve dar continuidade ao trabalho feito pelo antecessor. Às repórteres Sibele Negromonte e Paloma Olivetto, o padre enfatizou que Leão XIV deve levar um legado da América Latina para o Vaticano. “Podemos falar que temos um discípulo de Francisco no papado”, acrescentou o religioso.

Foi surpresa a escolha de Robert Prevost como novo papa?

Surpresa total, ninguém esperava. Mas a Igreja escolheu este papa que trabalhou nas periferias do Peru e passou por muitos lugares da América Latina com o seu trabalho pastoral. Ultimamente, trabalhava muito próximo do papa Francisco.

A Igreja elegeu dois papas latinos na sequência. Qual mensagem passada ao mundo com essa escolha?

Eu penso que, a partir do papa Francisco, começa uma fase mais aberta, mais próxima das periferias da Igreja, sem estar tão centralizada em algo ou alguém. Creio que isso simboliza uma abertura maior para as igrejas de todo o planeta.

O novo papa passou 18 anos no Peru. De que forma o senhor acha que isso pode moldar o papado dele? Qual legado ele deve levar da América Latina para o Vaticano?

Fundamentalmente, a questão pastoral. Ele é um pastor “com cheiro de ovelha”. Se você vem de uma diocese pequena, não tem como não estar próximo das pessoas. Essa proximidade com as pessoas marca um rumo muito claro. Ele vem com as mãos sujas do barro peruano, dos Andes. Tem foto dele também montado a cavalo. Isso é muito bom. A espontaneidade do novo papa, de quebrar protocolo e falar espanhol, também é algo bem latino.

Este papa demonstrou ser uma pessoa simples, demonstrou emoção, dispensou o tradicional sapato vermelho, e assumiu uma postura aparentemente humilde. Isso seria um sinal de que ele deve seguir essa humildade durante o papado?

Sim. Francisco lutou muito contra o clericalismo, que é quando o padre assume uma postura de autoridade e distanciamento do povo. Essa simplicidade marcou um rumo que deve ser seguido.

Em sua homilia, o papa foi enfático quanto à importância de não se apegar ao materialismo.

Sim. E podemos falar que temos um discípulo de Francisco no papado. Francisco buscou ser um homem mais do que um papa, ele trouxe uma humanidade. E 99,9% dos padres se tornam padres porque têm o desejo de ajudar e de doar a vida para as pessoas. Ele deu essa cara ao papado.

O senhor acha que o papa Leão XIV seguirá a linha de Francisco em relação ao meio ambiente?

O papa Francisco vivia na simplicidade e chamou a Igreja para viver nessa simplicidade também. Bento XVI dizia que a Igreja tem facilidade para receber doações, mas tem dificuldade para doar, e isso é uma verdade. E o ser humano também é assim. Precisamos seguir uma caminhada para a simplicidade e para a justiça. Se o ser humano domina os outros na base do egoísmo,

e não do amor, como fazemos também com a terra, a consequência é catastrófica. Francisco foi um papa que quis viver o que ele disse, foi muito coerente. Ele quis viver até as últimas consequências nessa coerência e deixou um legado muito forte.

O senhor acha que a pauta social, de gênero e diversidade, estará presente no papado de Leão XIV?

Não tenho dúvidas. Na Jornada Mundial da Juventude, o papa Francisco falou que a Igreja é de todos. Ninguém fica excluído. Está mais do que claro que toda essa questão está na agenda da Igreja. Temos que abrir as portas. Papa Francisco não somente abriu a Igreja como manteve contato pessoal com pessoas diversas, homossexuais, pessoas que pensavam diferente dele. Ele tinha o dom da escuta, era capaz de escutar qualquer um. Essa abertura é fundamental, não tem volta. Jesus nunca disse “não” para ninguém.

Ed Alves CB/DA Press

